

Testemunho

José Lamego (Universidade de Lisboa)

Deixou-nos no passado sábado, 14 de Março, Jürgen Habermas: fazia, com Dieter Henrich, Ernst Tugendhat e Michael Theunissen — também já desaparecidos, respectivamente em 2022, 2023 e 2015 — parte de uma geração que iniciou o seu percurso académico no imediato pós-guerra e que marcou o panorama filosófico alemão das últimas décadas. A particularidade de Habermas em relação a estes seus colegas e amigos era a sua projecção como intelectual público e o grau de reconhecimento de que gozava fora da Academia.

No programa filosófico de Habermas, para além da inspiração hegeliano-marxista da Teoria Crítica inicial, confluem influências filosóficas muito distintas, desde a hermenêutica filosófica de Gadamer à filosofia analítica da linguagem e ao pragmatismo norte-americano (ao qual é introduzido pelo seu companheiro de jornada filosófica Karl-Otto Apel), para além de um profundo conhecimento da filosofia do idealismo alemão e da filosofia pós-idealista do século XIX. Nessa base, considero redutor catalogar Habermas como um representante da Escola de Francoforte, se bem que o filão hegeliano-marxista volte a reaparecer na sua obra derradeira, *Uma Outra História da Filosofia* (2019), especialmente na centralidade que ele atribui aos „jovens hegelianos“ no processo de destranscendentalização do conceito idealista de sujeito e, consequentemente, naquilo que ele considera ser a configuração pós-metafísica do pensamento filosófico.

Tratando-se aqui apenas de deixar um testemunho pessoal sobre o contacto com a sua obra, diria que esse encontro ocorreu no período imediatamente subsequente à Revolução, tendo constituído a primeira porta de saída de um marxismo dogmático que era então moeda corrente entre a juventude universitária. A leitura de *Mudança Estrutural da Esfera Pública, Conhecimento e Interesse e Teoria e Prática* representou para mim a abertura de novos horizontes.

Ganhei, pouco depois, a impressão de que a sua teorização (nomeadamente a sua crítica ao positivismo nas ciências sociais, desenvolvida na polémica com Popper e Hans Albert, nos inícios dos anos 60 do século XX, e a crítica à razão funcionalista, apresentada uma década mais tarde, na discussão com Niklas Luhmann) encerrava uma filosofia da história, tal como assumi um distanciamento em relação ao cognitivismo ético subjacente à sua filosofia moral e à sua concepção de Democracia deliberativa.

De interesse permanente foram para mim os seus „escritos menores“ e as intervenções nos debates

públicos, interessando-me particularmente a maneira circunstanciada como ele formulava a sua visão federalista da construção europeia e a ideia de que os cidadãos da União Europeia desenvolvessem uma cultura supranacional comum, bem como a análise dos problemas da formação da identidade nacional em sociedades multiculturais com base no que ele designava, na esteira de Dolf Sternberger, de „patriotismo constitucional“. A sua defesa dos valores de uma modernidade crítica, do universalismo moral, do Estado constitucional e de uma ordem internacional baseada em regras continua hoje, num tempo em que estes valores estão a ser sujeitos a uma forte erosão, a fazer de Jürgen Habermas uma referência obrigatória.